

PAPA FRANCISCO

CATEQUESE SOBRE A ORAÇÃO¹

1. O mistério da oração

Audiência geral: Quarta-feira, 6 de maio de 2020

Hoje iniciamos um novo ciclo de catequeses sobre o tema da *oração*. A oração é o respiro da fé, é a sua expressão mais adequada. Como *um grito* que sai do coração de quem crê e se confia a Deus.

Pensemos na história de Bartimeu, um personagem do Evangelho (cf. *Mc* 10, 46-52 e par.) e, confesso-vos, para mim é o mais simpático de todos. Era cego, estava sentado a mendigar à beira da estrada, na periferia da sua cidade, Jericó. Não se trata de um personagem anónimo, tem um rosto, um nome: Bartimeu, ou seja, “filho de Timeu”. Um dia ouve dizer que Jesus passaria por ali. Com efeito, Jericó era uma encruzilhada de povos, continuamente atravessada por peregrinos e mercadores. Então Bartimeu põe-se à espreita: faria todo o possível para encontrar Jesus. Muitas pessoas faziam o mesmo: recordemos Zaqueu, que subiu à árvore. Muitos queriam ver Jesus, ele também.

Assim este homem entra nos Evangelhos como uma voz que grita a plenos pulmões. Ele não vê; não sabe se Jesus está perto ou longe, mas ouve-o, devido ao barulho da multidão, que num dado momento aumenta e se aproxima... Mas ele está completamente só, e ninguém se importa com isto. E o que faz Bartimeu? Grita. Grita e continua a bradar. Usa a única arma que possui: a voz. Começa a gritar: “Filho de David, Jesus, tem compaixão de mim!” (v. 47). E assim continua a bradar.

Os seus repetidos gritos incomodam, não parecem educados, e muitos repreendem-no, dizendo-lhe para se calar: “Sê educado, não faças assim!”. Mas Bartimeu não se cala, pelo contrário, grita ainda mais alto: “Filho de David, Jesus, tem compaixão de mim!” (v. 47). Aquela teimosia tão boa daqueles que procuram uma graça e batem, batem à porta do coração de Deus. Ele grita, bate à porta. A expressão “Filho de David” é muito importante; significa “Messias” — confessa o Messias — é uma profissão de fé que sai dos lábios daquele homem desprezado por todos.

¹ Compilação: Pe. Simão Valenga, CM.

E Jesus ouve o seu grito. O pedido de Bartimeu toca o seu coração, o coração de Deus, e para ele abrem-se as portas da salvação. Jesus manda chamá-lo. Ele dá um salto e aqueles que antes lhe diziam para se calar, agora conduzem-no ao Mestre. Jesus fala com ele, pede-lhe que manifeste o seu desejo — isto é importante — e então o grito torna-se um pedido: “Que eu volte a ver, Senhor!” (cf. v. 51).

Jesus diz-lhe: “Vai, *a tua fé te salvou*” (v. 52). Reconhece àquele homem pobre, indefeso e desprezado todo o poder da sua fé, que atrai a misericórdia e o poder de Deus. Fé significa ter duas mãos levantadas, uma voz que grita para implorar o dom da salvação. O Catecismo afirma que “a humildade é o fundamento da oração” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.559). A oração nasce da terra, do *húmus* — do qual deriva “humilde”, “humildade” — vem da nossa condição de precariedade, da nossa sede constante de Deus (cf. *ibid.*, n. 2.560-2.561).

A fé, vimo-lo em Bartimeu, é grito; a não-fé é sufocar aquele grito. Aquela atitude que as pessoas tinham, ao silenciá-lo: não eram pessoas de fé, mas ele sim. Sufocar aquele grito é uma espécie de “cumplicidade tácita”. A fé é protesto contra uma condição penosa da qual não compreendemos o motivo; a não-fé é limitar-se a padecer uma situação à qual nos adaptamos. A fé é esperança de ser salvo; a não-fé é acostumar-nos com o mal que nos oprime e continuar assim.

Queridos irmãos e irmãs, comecemos esta série de catequeses com o grito de Bartimeu, porque talvez numa figura como a sua já esteja tudo escrito. Bartimeu é um homem perseverante. Ao seu redor havia pessoas que explicavam que implorar era inútil, que era um vozear sem resposta, que era barulho que incomodava e nada mais, que por favor deixasse de gritar: mas ele não se calou. E, no final, conseguiu o que queria.

Mais forte do que qualquer argumentação contrária, no coração do homem há uma voz que invoca. Todos nós temos esta voz interior. Uma voz que sai espontaneamente, sem que ninguém a governe, uma voz que se interroga sobre o sentido do nosso caminho aqui na terra, especialmente quando nos encontramos na escuridão: “Jesus, tem compaixão de mim! Jesus, tem compaixão de mim!”. É uma bonita oração!

Mas não estão estas palavras esculpidas em toda a criação? Tudo invoca e suplica para que o mistério da misericórdia encontre o seu cumprimento definitivo. Não rezam só os cristãos: eles compartilham o clamor de oração com todos os homens e mulheres. Mas o horizonte ainda pode ser ampliado: Paulo afirma que toda a criação “geme e sofre as dores de parto” (*Rm* 8, 22). Com frequência, os artistas fazem-se intérpretes deste grito silencioso da criação, que pressiona em cada criatura e emerge sobretudo no coração do homem, pois o homem é um “mendigo de Deus” (cf. *CIC*, n. 2.559). Bonita definição do homem: “mendigo de Deus”.

2. A oração do cristão

Audiência geral - Quarta-feira, 13 de maio de 2020

Hoje damos o segundo passo no caminho de catequeses sobre a oração, iniciado na semana passada.

A oração pertence a todos: aos homens de todas as religiões, e provavelmente também àqueles que não professam religião alguma. A oração nasce no segredo de nós mesmos, naquele lugar interior a que muitas vezes os autores espirituais chamam “coração” (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.562-2.563). Portanto, o que reza em nós não é algo periférico, nem uma nossa faculdade secundária e marginal, mas é o mistério mais íntimo de nós mesmos. É este mistério que reza. As emoções rezam, mas não se pode dizer que a oração é unicamente emoção. A inteligência reza, mas rezar não é apenas um ato intelectual. O corpo reza, mas pode-se falar com Deus até na invalidez mais grave. Por conseguinte, é o homem todo que ora, se o seu “coração” reza.

A oração é um impulso, uma invocação que vai além de nós próprios: algo que nasce no íntimo da nossa pessoa e que se estende, pois sente a nostalgia de um encontro. Aquela nostalgia que é mais do que uma carência, mais do que uma necessidade: é um caminho. A oração é a voz de um “eu” que tropeça, que procede às cegas, em busca de um “Tu”. O encontro entre o “eu” e o “Tu” não pode ser calculado: é um encontro humano e, muitas vezes, procede-se às cegas para encontrar o “Tu” que o meu “eu” procura.

Ao contrário, a oração do cristão nasce de uma revelação: o “Tu” não permaneceu envolvido no mistério, mas entrou em relação conosco. O cristianismo é a religião que celebra continuamente a “manifestação” de Deus, ou seja, a sua epifania. As primeiras festas do ano litúrgico são a celebração deste Deus que não permanece escondido, mas que oferece a sua amizade aos homens. Deus revela a sua glória na pobreza de Belém, na contemplação dos Magos, no batismo no Jordão, no prodígio das bodas de Caná. O Evangelho de João conclui o grande hino do Prólogo com esta afirmação sintética: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou” (1, 18). Foi Jesus quem nos revelou Deus.

A oração do cristão entra em relação com o Deus de rosto profundamente terno, que não quer incutir medo algum aos homens. Esta é a primeira característica da prece cristã. Se os homens desde sempre estavam habituados a aproximar-se de Deus com um pouco de timidez, um pouco apavorados diante deste mistério fascinante e terrível, se se tinham habituado a adorá-lo com uma atitude servil, semelhante à de um servo que não quer desrespeitar o seu senhor, ao contrário os cristãos dirigem-se a Ele ousando chamá-lo de modo confidente, com o nome de “Pai”. Na verdade, Jesus usa outra palavra: “paizinho”.

O cristianismo eliminou do vínculo com Deus todas as relações “feudais”. No património da nossa fé não existem expressões como “subjugação”, “escravatura” ou “vassalagem”; mas sim palavras como “aliança”, “amizade”, “promessa”, “comunhão”, “proximidade”. No seu longo discurso de despedida dos discípulos, Jesus diz assim: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhesteis, mas foi Eu que vos escolhi e vos constituí, para irdes e dardes fruto, e para que o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo conceda” (*Jo 15, 15-16*). Mas trata-se de um cheque em branco: “Tudo o que pedirdes ao meu Pai em meu nome, Eu vo-lo concederei”!

Deus é o amigo, o aliado, o esposo. Na oração pode-se estabelecer uma relação de confiança com Ele, a ponto que no “Pai-Nosso” Jesus nos ensinou a dirigir-lhe uma série de pedidos. A Deus podemos pedir tudo, tudo; explicar tudo, contar tudo. Não importa se no nosso relacionamento com Deus nos sentimos em falta: não somos bons amigos, não somos filhos agradecidos, não somos esposos fiéis. Ele continua a amar-nos. É o que Jesus demonstra definitivamente na Última Ceia, quando diz: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós” (*Lc 22, 20*). Naquele gesto, Jesus antecipa no Cenáculo o mistério da Cruz. Deus é um aliado fiel: até quando os homens deixam de amar, Ele continua a amar, mesmo que o amor o leve ao Calvário. Deus está sempre perto da porta do nosso coração e espera que lhe abramos. E às vezes bate à porta do coração, mas não é indiscreto: espera. A paciência de Deus conosco é a paciência de um pai, de alguém que nos ama muito. Diria que é a paciência de um pai e ao mesmo tempo de uma mãe. Sempre perto do nosso coração, e quando bate à porta, fá-lo com ternura e com muito amor.

Procuremos todos rezar assim, entrando no mistério da Aliança. Colocar-nos em oração nos braços misericordiosos de Deus, sentir-nos envolvidos por esse mistério de felicidade que é a vida trinitária, sentir-nos como convidados que não mereciam tanta honra. E, no assombro da oração, repetir a Deus: é possível que Tu só conheças amor? Ele não conhece o ódio. Ele é odiado, mas não conhece o ódio. Só conhece o amor. Tal é o Deus a quem rezamos. Eis o núcleo incandescente de toda a oração cristã. O Deus de amor, o nosso Pai que nos espera e nos acompanha.

3. O mistério da criação

Audiência geral - Quarta-feira, 20 de maio de 2020

Continuemos a catequese sobre a oração, meditando acerca do *mistério da Criação*. A vida, o simples facto de existirmos, abre o coração do homem à oração.

A primeira página da Bíblia assemelha-se a um grandioso hino de ação de graças. A narração da Criação é cadenciada por refrões, nos quais são constantemente reiteradas a bondade e a beleza de tudo o que existe. Com a sua palavra, Deus chama à vida, e todas as coisas passam a existir. Com a palavra, separa a luz das trevas, alterna o dia e a noite, intercala as estações, abre uma paleta de cores com a variedade das plantas e dos animais. Nesta floresta transbordante que rapidamente derrota o caos, o homem aparece em último lugar. E esta aparição provoca um excesso de exultação, que amplifica a satisfação e a alegria: “Deus contemplou a sua obra, e viu que tudo era muito bom” (*Gn* 1, 31). Bom, mas também belo: vê-se a beleza de toda a Criação!

A beleza e o mistério da Criação geram no coração do homem o primeiro movimento que suscita a oração (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.566). Assim reza o oitavo Salmo, que ouvimos no início: “Quando contemplo o firmamento, obra dos vossos dedos, a lua e as estrelas que lá fixastes: “Que é o homem, para pensardes nele, que são os filhos de Adão, para que vos preocupeis com eles?” (vv. 4-5). Quem reza contempla o mistério da existência ao seu redor, vê o céu estrelado acima dele — e que a astrofísica nos mostra hoje em toda a sua imensidão — e interroga-se acerca de qual desígnio de amor deve existir por detrás de uma obra tão poderosa!... E que é o homem, nesta vastidão sem confins? “Quase nada”, diz outro Salmo (cf. 89, 48): um ser que nasce, um ser que morre, uma criatura extremamente frágil. E no entanto, em todo o universo, o ser humano é a única criatura consciente de tal profusão de beleza. Um pequeno ser que nasce, morre, hoje existe e amanhã não, é o único consciente desta beleza. Nós estamos cientes desta beleza!

A oração do homem está intimamente ligada ao sentimento de *admiração*. A grandeza do homem é infinitesimal, se for comparada com as dimensões do universo. As suas maiores conquistas parecem ser muito pouco... Mas o homem não é nada. Na oração afirma-se vigorosamente um sentimento de misericórdia. Nada existe por acaso: o segredo do universo consiste no olhar benévolo de alguém que se cruza com o nosso. O Salmo afirma que somos feitos pouco menos que um Deus, que somos coroados de glória e honra (cf. 8, 6). A relação com Deus é a grandeza do homem: a sua entronização. Por natureza não somos quase nada, somos pequenos; mas por vocação, por chamada somos os filhos do grande Rei!

É uma experiência que muitos de nós já fizemos. Se a vicissitude da vida, com todas as suas amarguras, às vezes corre o risco de sufocar em nós o dom da oração, é suficiente a contemplação de um céu estrelado,

de um pôr do sol, de uma flor..., para reacender a centelha da gratidão. Talvez esta experiência esteja na base da primeira página da Bíblia.

Quando foi redigida a grandiosa narração bíblica da Criação, o povo de Israel não vivia dias felizes. Uma potência inimiga tinha ocupado a terra; muitos foram deportados e agora viviam como escravos na Mesopotâmia. Já não havia pátria, nem templo, nem sequer vida social e religiosa, nada!

E no entanto, partindo precisamente da grande narração da Criação, alguém começa a encontrar motivos de ação de graças, a louvar a Deus pela existência. A oração é a primeira força da esperança. Reza-se e a esperança cresce, aumenta. Diria que a oração abre a porta à esperança. Há esperança, mas com a minha prece abro a porta. Porque os homens de oração preservam as verdades básicas; são eles que repetem, antes de tudo a si mesmos e depois aos demais, que esta vida, não obstante todas as suas fadigas e provações, apesar dos seus dias difíceis, está cheia de uma graça da qual se admirar. E, como tal, deve ser sempre defendida e salvaguardada.

Os homens e as mulheres que oram sabem que a esperança é mais forte do que o desânimo. Acreditam que o amor é mais poderoso do que a morte, e que certamente um dia há de triunfar, nem que seja em tempos e modalidades que não conhecemos. Os homens e as mulheres de oração trazem clarões de luz refletidos no rosto, pois até nos dias mais escuros o sol não deixa de os iluminar. A oração ilumina-te: ilumina a tua alma, ilumina o teu coração e ilumina o teu rosto. Até nos momentos mais sombrios, mesmo nos momentos de maior dor.

Todos nós somos portadores de alegria. Já pensastes nisto? Que és um portador de alegria? Ou preferes levar más notícias, que entristecem? Todos nós somos capazes de transmitir alegria. Esta vida é o dom que Deus nos concedeu: e é demasiado breve para ser vivida na tristeza, na amargura. Louvemos a Deus, felizes simplesmente por existir. Olhemos para o universo, contemplemos as belezas e também as nossas cruces, e digamos: “Mas tu existes e fizeste-nos assim, para ti”. É necessário sentir esta inquietação do coração, que leva a dar graças e a louvar a Deus. Somos os filhos do grande Rei, do Criador, capazes de ler a sua assinatura em toda a Criação; a Criação que hoje não preservamos, mas na Criação está a assinatura de Deus, que a fez por amor. Que o Senhor nos faça compreender isto cada vez mais profundamente, levando-nos a dizer “obrigado”, e este “obrigado” é uma bonita oração!

4. A oração dos justos

Audiência geral - Quarta-feira, 27 de maio de 2020

Dedicamos a catequese de hoje à *oração dos justos*.

O desígnio de Deus para a humanidade é bom, mas na nossa vida quotidiana experimentamos a presença do mal: é uma experiência de todos os dias. Os primeiros capítulos do livro do Génesis descrevem a dilatação progressiva do pecado nas vicissitudes humanas. Adão e Eva (cf. *Gn 3, 1-7*) duvidam das intenções benévolas de Deus, pois pensam que têm a ver com uma divindade invejosa que impede a sua felicidade. Por isso, a rebelião: já não acreditam num Criador generoso que deseja a felicidade deles. Cedendo à tentação do maligno, o seu coração é arrebatado por delírios de onnipotência: “Se comermos o fruto da árvore, tornar-nos-emos como Deus” (cf. v. 5). E esta é a tentação: esta é a ambição que entra no coração. Mas a experiência vai na direção oposta: os seus olhos abrem-se e descobrem que estão nus (cf. v. 7), sem nada. Não vos esqueçais disto: o tentador é um mau pagador, ele paga mal.

O mal torna-se ainda mais agressivo com a segunda geração humana, é mais forte: é a história de Caim e Abel (cf. *Gn 4, 1-16*). Caim tem inveja do irmão: há o verme da inveja; embora ele seja o primogénito, vê Abel como um rival, alguém que ameaça a sua primazia. O mal insinua-se no seu coração e Caim não consegue dominá-lo. O mal começa a entrar no coração: os pensamentos são sempre de julgar mal o outro, com suspeita. E isto acontece também com o pensamento: “Ele é malvado, irá ferir-me”. E este pensamento começa a entrar no coração... E assim a história da primeira fraternidade acaba com um homicídio. Hoje penso na fraternidade humana... guerras em toda a parte.

Na descendência de Caim desenvolvem-se as profissões e a arte, mas também a violência, expressa pelo cântico sinistro de Lamec, que ressoa como um hino de vingança: “Por uma ferida matei um homem, e por uma contusão um menino [...] Se Caim será vingado sete vezes, Lamec sê-lo-á setenta vezes sete” (*Gn 4, 23-24*). Vingança: “Vais pagar pelo que fizeste!”. Mas quem o diz não é o juiz, sou eu. E arvorei-me em juiz da situação. E assim o mal alastra-se como mancha de óleo, até ocupar todo o quadro: “O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam continuamente voltados para o mal” (*Gn 6, 5*). Os grandes afrescos do dilúvio universal (caps. 6-7) e da torre de Babel (cap. 11) revelam que há necessidade de um novo começo, como que de uma nova criação, que terá o seu cumprimento em Jesus Cristo.

E no entanto, nestas primeiras páginas da Bíblia está escrita também outra história, menos vistosa, muito mais humilde e devota, que representa o resgate da esperança. Não obstante quase todos se comportem de

forma cruel, fazendo do ódio e da conquista o grande motor da existência humana, há pessoas capazes de orar a Deus com sinceridade, capazes de escrever o destino da humanidade de uma maneira diferente. Abel oferece a Deus um sacrifício de primícias. Após a sua morte, Adão e Eva tiveram um terceiro filho, Set, de quem nasceu Enós (que significa “mortal”), e diz-se: “E a partir de então, o nome do Senhor começou a ser invocado” (4, 26). Em seguida surge Enoc, personagem que “caminha com Deus” e que é arrebatado ao céu (cf. 5, 22.24). E, por fim, há a história de Noé, um homem justo que “andava com Deus” (6, 9), diante do qual Deus suspende o seu propósito de eliminar a humanidade (cf. 6, 7-8).

Lendo estas narrações, tem-se a impressão de que a oração é a barragem, o refúgio do homem perante a inundação do mal que cresce no mundo. Considerando bem, oramos também para nos salvarmos de nós próprios. É importante rezar: “Senhor, por favor, salva-me de mim mesmo, das minhas ambições, das minhas paixões”. Os orantes das primeiras páginas da Bíblia são homens artífices de paz: com efeito, quando é autêntica, a oração é livre dos instintos de violência e é um olhar dirigido a Deus, a fim de que Ele volte a cuidar do coração do homem. No Catecismo lê-se: “Esta qualidade da oração é vivida por uma multidão de justos em todas as religiões” (CIC, n. 2.569). A oração cultiva jardins de renascimento em lugares onde o ódio do homem só foi capaz de alastrar o deserto. E a oração é poderosa, porque atrai o poder de Deus, e o poder de Deus dá sempre vida: sempre! É o Deus da vida, e faz renascer!

É por isso que o senhorio de Deus passa através da cadeia destes homens e mulheres, muitas vezes mal compreendidos ou até marginalizados no mundo. Mas o mundo vive e cresce graças à força de Deus, que estes seus servos atraem mediante as suas preces. Não são uma cadeia barulhenta, raramente são notícia, mas contudo são muito importantes para restituir confiança ao mundo! Lembro-me da história de um homem: um importante chefe de governo, não desta época, do passado. Um ateu sem sentido religioso no coração, mas quando era criança ouvia a sua avó rezar, e isto permaneceu no seu coração. E num momento difícil da sua vida, aquela recordação voltou ao seu coração e ele disse: “Mas a avó rezava...”. Assim, começou a orar com as fórmulas da avó e ali encontrou Jesus. A oração é uma corrente de vida, sempre: muitos homens e mulheres que rezam, semeiam vida. A oração, a pequena oração, semeia vida: por isso é tão importante ensinar as crianças a rezar. Dói encontrar crianças que não sabem fazer o sinal da cruz. É preciso ensiná-las a fazer bem o sinal da cruz, porque esta é a primeira oração. É importante que as crianças aprendam a orar. Depois, talvez possam esquecer, seguir outro caminho; mas as primeiras preces aprendidas quando são crianças permanecem no coração, porque constituem uma semente de vida, a semente do diálogo com Deus.

O caminho de Deus na história de Deus passou através deles: passou por um “resto” da humanidade que não se conformou com a lei do mais forte, mas pediu a Deus que realizasse os seus milagres e, sobretudo, que transformasse o nosso coração de pedra em coração de carne (cf. *Ez* 36, 26). E isto ajuda a oração: pois

a oração abre a porta a Deus, transformando o nosso coração muitas vezes de pedra num coração humano. E é necessária tanta humanidade, pois ora-se bem com a humanidade.

5. A oração de Abraão

Audiência geral - Quarta-feira, 3 de junho de 2020

Há uma voz que ressoa repentinamente na vida de Abraão. Uma voz que o convida a enveredar por um caminho que parece absurdo: uma voz que o impele a desarraigar-se da sua pátria, das raízes da sua família, para partir rumo a um novo futuro, um futuro diferente. E tudo com base numa promessa, na qual é necessário apenas confiar. E confiar numa promessa não é fácil, é preciso ter coragem. E Abraão confiou.

A Bíblia nada diz sobre o passado do primeiro patriarca. A lógica da situação sugere que ele adorava outros deuses; talvez fosse um homem sábio, acostumado a perscrutar o céu e as estrelas. Com efeito, o Senhor promete-lhe que os seus descendentes serão tão numerosos como as estrelas que pontilham o céu.

E Abraão parte. Ouve a voz de Deus e confia na sua palavra. Isto é importante: confia na palavra de Deus. E com esta sua partida nasce um novo modo de conceber a relação com Deus; é por este motivo que o patriarca Abraão está presente nas grandes tradições espirituais judaica, cristã e islâmica como homem de Deus perfeito, capaz de se submeter a Ele, até quando a sua vontade se revela árdua, ou incompreensível.

Portanto, Abraão é o *homem da Palavra*. Quando Deus fala, o homem torna-se receptor daquela Palavra e a sua vida transforma-se no lugar onde ela pede para se encarnar. Esta é uma grande novidade no percurso religioso do homem: a vida do crente começa a conceber-se como vocação, ou seja, como chamada, como lugar onde se cumpre uma promessa; e ele move-se no mundo não tanto sob o peso de um enigma, mas com a força daquela promessa, que um dia se há de cumprir. E Abraão acreditou na promessa de Deus. Acreditou e partiu, sem saber para onde ia — assim diz a Carta aos Hebreus (cf. 11, 8). Mas confiou!

Lendo o livro do Génesis, descobrimos que Abraão viveu a oração em fidelidade incessante àquela Palavra, que periodicamente se manifestava ao longo do seu caminho. Em síntese, podemos dizer que na vida de

Abraão a *fé se faz história*. A fé faz-se história! Aliás, com a sua vida, com o seu exemplo, Abraão ensina-nos este caminho, este itinerário em que a fé se faz história. Deus já não é visto unicamente nos fenómenos cósmicos, como um Deus distante que pode incutir terror. O Deus de Abraão torna-se o “meu Deus”, o Deus da minha história pessoal, que orienta os meus passos, que não me abandona; o Deus dos meus dias, o companheiro das minhas aventuras; o Deus da Providência. Pergunto-me e pergunto-vos: temos esta experiência de Deus? O “meu Deus”, o Deus que me acompanha, o Deus da minha história pessoal, o Deus que guia os meus passos, que não me abandona, o Deus dos meus dias? Temos esta experiência? Pensemos nisto!

Esta experiência de Abraão é também testemunhada por um dos textos mais originais da história da espiritualidade: o *Memorial*, de Blaise Pascal. Começa assim: “Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacob, não dos filósofos nem dos sábios. Certeza, certeza. Sentimento. Alegria. Paz. Deus de Jesus Cristo”. Este Memorial, escrito num pequeno pergaminho, e encontrado após a sua morte cosido dentro de uma veste do filósofo, exprime não uma reflexão intelectual que um homem sábio como ele pode conceber acerca de Deus, mas o sentido vivo, experimentado, da sua presença. Pascal anota até o momento exato em que sentiu aquela realidade, tendo-a finalmente encontrado: a noite de 23 de novembro de 1654. Não se trata do Deus abstrato, nem do Deus cósmico, não! É o Deus de uma pessoa, de uma chamada, o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob, o Deus que é certeza, que é sentimento, que é alegria!

“A oração de Abraão exprime-se, antes de mais, em atos: homem de silêncio, constrói em cada etapa um altar ao Senhor” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2.570). Abraão não edifica um templo, mas espalha pelo caminho pedras que recordam a passagem de Deus. Um Deus surpreendente, como quando o visita na figura de três hóspedes, que ele e Sara recebem com gentileza, e que lhes anunciam o nascimento do filho Isaac (cf. *Gn* 18, 1-15). Abraão tinha cem anos e a sua esposa, mais ou menos noventa. E acreditaram, confiaram em Deus. E Sara, sua esposa, concebeu. Com aquela idade! Este é o Deus de Abraão, o nosso Deus, que nos acompanha.

Assim, Abraão familiariza com Deus, é capaz até de discutir com Ele, mas sempre fiel. Fala com Deus e debate. Até à suprema provação, quando Deus lhe pede que sacrifique precisamente o filho Isaac, o filho da velhice, o único herdeiro. Aqui Abraão vive a sua fé como um drama, como se caminhasse às apalpadelas na noite, sob um firmamento desta vez sem estrelas. E com frequência também nós caminhamos na escuridão, mas com fé. O próprio Deus deterá a mão de Abraão, já pronta para ferir, porque viu a sua disponibilidade verdadeiramente total (cf. *Gn* 22, 1-19).

Irmãos e irmãs, aprendamos de Abraão, aprendamos a rezar com fé: ouvir o Senhor, caminhar, dialogar até debater. Não tenhamos medo de discutir com Deus! Direi também algo que parece heresia. Muitas vezes ouvi dizer: “Sabes, isto aconteceu comigo e zanguei-me com Deus” — “Tiveste a coragem de ficar zangado

com Deus?” — “Sim, zanguei-me!” — “Mas esta é uma forma de oração”. Pois só um filho é capaz de se zangar com o pai e depois voltar a encontrá-lo. Aprendamos de Abraão a rezar com fé, a dialogar, a discutir, mas sempre dispostos a aceitar a palavra de Deus e a pô-la em prática. Com Deus, aprendamos a falar como um filho com o seu pai: ouvi-lo, responder, debater. Mas de forma transparente, como um filho com o pai. É assim que Abraão nos ensina a rezar.

6. A oração de Jacob

Audiência geral - Quarta-feira, 10 de junho de 2020

Continuemos a nossa catequese sobre o tema da oração. O livro do Génesis, através das vicissitudes de homens e mulheres de tempos distantes, conta-nos histórias nas quais podemos refletir as nossas vidas. No ciclo dos patriarcas, encontramos também o de um homem que tinha feito da astúcia o seu melhor talento: Jacob. A narração bíblica conta-nos a difícil relação que Jacob teve com o seu irmão Esaú. Desde crianças, houve rivalidades entre eles, que nunca foram resolvidas. Jacob é o segundo filho, mas, com o engano, consegue obter de seu pai Isaac a bênção e o dom da primogenitura (cf. *Gn* 25, 19-34). É apenas a primeira de uma longa série de astúcias das quais este homem sem escrúpulos é capaz. Até o nome “Jacob” significa alguém que se move com astúcia.

Forçado a fugir para longe do seu irmão, ele parece ter sucesso em todos os empreendimentos da sua vida. É hábil nos negócios: enriquece muito, tornando-se o dono de um enorme rebanho. Com tenacidade e paciência consegue casar com a mais bela das filhas de Labão, pela qual estava verdadeiramente apaixonado. Jacob - diríamos com linguagem moderna - é um homem que “se fez sozinho”, com a sua perspicácia, com a astúcia, conseguiu conquistar tudo o que quis. Mas faltava-lhe alguma coisa. Faltava-lhe a relação viva com as próprias raízes.

E um dia sente saudades de casa, da sua antiga pátria, onde ainda vivia Esaú, o irmão com o qual sempre tivera péssimas relações. Jacob partiu e fez uma longa viagem com uma numerosa caravana de pessoas e animais, até chegar à última etapa, o rio Jaboq. Aqui o Livro do *Génesis* oferece-nos uma página memorável (cf. 32, 23-33). Diz-nos que o patriarca, depois de ter feito todo o seu povo e gado - que era tanto - atravessar o baixio, permanece sozinho na margem estrangeira. E pensa: o que o espera no dia seguinte? Qual será a atitude do seu irmão Esaú, ao qual roubara a primogenitura? A mente de Jacob é um turbilhão de pensamentos... E quando anoitece, de repente um desconhecido apodera-se dele e começa a lutar contra ele. O *Catecismo* explica: “A tradição espiritual da Igreja divisou nesta narrativa o símbolo da oração como combate da fé e vitória da perseverança” (CIC, 2573).

Jacob lutou até ao romper da aurora, sem nunca se libertar das garras do seu adversário. No final, foi derrotado, atingido pelo seu rival no nervo ciático, ficando aleijado para o resto da vida. Esse misterioso lutador pergunta ao patriarca o seu nome, dizendo-lhe: “O teu nome não será mais Jacob, mas Israel; porque combateste contra Deus e contra os homens e conseguiste resistir!” (v. 29). Como se quisesse dizer: nunca serás o homem que caminha assim, mas direito. Muda-lhe o nome, muda-lhe a vida, muda-lhe a atitude: chamar-te-ás Israel. Então também Jacob pergunta: “Peço-te que me digas o teu nome”. Ele não lho revela, mas em troca abençoa-o. E Jacob percebe que encontrou Deus “face a face” (cf. vv. 30-31).

Lutar com Deus: uma metáfora da oração. Outras vezes, Jacob tinha-se mostrado capaz de dialogar com Deus, de O sentir como uma presença amiga e próxima. Mas dessa noite, através de uma luta que durou muito tempo e que o viu quase sucumbir, o patriarca saiu transformado. Mudança do nome, mudança do modo de viver e mudança da personalidade: ele saiu transformado. Desta vez já não é dono da situação – a sua astúcia não serve - já não é o estratega nem o homem calculista; Deus o reconduz à sua verdade de mortal que treme e tem medo, porque na luta Jacob sentiu medo. Pela primeira vez Jacob nada mais tem para apresentar a Deus a não ser a sua fragilidade e impotência, também os seus pecados. E é *este* Jacob que recebe a bênção de Deus, com a qual entra coxo na terra prometida: vulnerável, e vulnerado, mas com um coração novo. Certa vez ouvi um idoso dizer - um bom homem, um bom cristão, mas um pecador que tinha tanta fé em Deus -: “Deus me ajudará; Ele não me deixará sozinho. Entrarei no paraíso a coxear, mas entrarei”. Anteriormente Jacob era um homem seguro de si; ele confiava na sua própria astúcia. Era um homem impermeável à graça, refratário à misericórdia; não sabia o que era a misericórdia. “Aqui sou eu que mando!”, pensava que não precisava de misericórdia. Mas Deus salvou o que estava perdido. Ele o fez entender que era limitado, que era um pecador que precisava de misericórdia e salvou-o.

Todos nós temos um encontro marcado com Deus de noite, na noite da nossa vida, nas muitas noites da nossa vida: momentos escuros, momentos de pecado, momentos de desorientação. Há ali um encontro com Deus, sempre. Ele nos surpreenderá quando menos esperamos, quando nos encontramos verdadeiramente sozinhos. Nessa mesma noite, lutando contra o desconhecido, tomaremos consciência de que somos apenas pobres homens - ousou dizer “infelizes” - mas, precisamente nessa altura, quando nos sentirmos “pobres homens”, não deveremos recluir: porque, nesse preciso momento, Deus nos dará um novo nome, que contém o sentido de toda a nossa vida; Ele mudará os nossos corações e nos dará a bênção reservada para aqueles que se deixam transformar por Ele. Este é um bom convite para nos deixarmos transformar por Deus. Ele sabe como fazer, porque conhece cada um de nós. “Senhor, tu conheces-me”, todos nós o podemos dizer. “Senhor, tu conheces-me. Transforma-me”.

7. A oração de Moisés

Audiência geral - Quarta-feira, 17 de junho de 2020

No nosso itinerário sobre o tema da oração, damos-nos conta de que Deus nunca gostou de lidar com orantes “fáceis”. Nem sequer Moisés será um interlocutor “fraco”, desde o primeiro dia da sua vocação.

Quando Deus o chama, Moisés é humanamente “um fracasso”. O livro do Êxodo representa-o na terra de Madian como um fugitivo. Quando era jovem sentiu piedade pelo seu povo, pondo-se também da parte dos oprimidos. Mas depressa descobre que, apesar das boas intenções, das suas mãos não brota justiça mas, pelo contrário, violência. Eis que se desintegram os sonhos de glória: Moisés já não é um funcionário promissor, destinado a uma carreira rápida, mas alguém que perdeu oportunidades, e que agora apascenta um rebanho que nem sequer é seu. E é precisamente no silêncio do deserto de Madian que Deus convoca Moisés para a revelação da sarça ardente: ““Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob”. Moisés escondeu o rosto, pois não se atrevia a olhar para Deus” (Êx 3, 6).

A Deus que fala, que o convida a cuidar novamente do povo de Israel, Moisés opõe os seus receios e as suas objeções: não é digno daquela missão, não conhece o nome de Deus, os israelitas não acreditarão nele, tem uma língua que gagueja... E assim muitas objeções. A palavra que floresce mais frequentemente nos lábios de Moisés, em cada oração que dirige a Deus, é a pergunta: “Porquê?”. Por que me enviastes? Por que quereis libertar este povo? No Pentateuco há até um trecho dramático, onde Deus repreende Moisés pela sua falta de confiança, falta que o impedirá de entrar na terra prometida (cf. Nm 20, 12).

Com estes temores, com este coração que muitas vezes vacila, como pode Moisés rezar? Na verdade, Moisés parece um homem como nós. E isto também acontece a nós: quando temos dúvidas, mas como podemos rezar? Nós conseguimos rezar. E é com a sua fraqueza, e também com a sua força, que ficamos impressionados. Apesar de ser encarregado por Deus de transmitir a Lei ao seu povo, de ser fundador do culto divino, de ser mediador dos mistérios mais altos, contudo não deixa de manter estreitos vínculos de solidariedade com o seu povo, especialmente na hora da tentação e do pecado. Sempre ligado ao seu povo. Moisés nunca perdeu a memória do seu povo. E esta é uma grandeza dos pastores: não esquecer o povo, não esquecer as raízes. É isto que Paulo diz ao seu amado jovem bispo Timóteo: “Recorda a tua mãe e a tua avó, as tuas raízes, o teu povo”. Moisés é tão amigo de Deus que pode falar com Ele face a face (cf. Êx 33, 11); e permanecerá tão amigo dos homens que sentirá misericórdia pelos seus pecados, pelas suas tentações, pela inesperada nostalgia que os exilados têm em relação ao passado, lembrando-se de quando estavam no Egito.

Moisés não nega a Deus, mas também não nega o seu povo. É coerente com o seu sangue, é coerente com a voz de Deus. Portanto, Moisés não é um líder autoritário nem despótico; pelo contrário, o Livro dos Números define-o “mais humilde e paciente do que qualquer homem sobre a terra” (cf. 12, 3). Apesar da sua condição privilegiada, Moisés não deixa de pertencer àquele grupo de pobres em espírito que vivem fazendo da confiança em Deus o viático do próprio caminho. Ele é um homem do povo.

Assim, a forma mais adequada de Moisés rezar será a *intercessão* (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2574). A sua fé em Deus é uma só com o sentido de paternidade que nutre pelo seu povo. Habitualmente, a Escritura representa-o com as mãos erguidas para o alto, para Deus, como se servisse de ponte com a sua pessoa entre o céu e a terra. Até nos momentos mais difíceis, até no dia em que o povo rejeita a Deus e a ele mesmo como guia, fazendo um bezerro de ouro, Moisés não quer pôr de lado o seu povo. É o meu povo. É o seu povo. É o meu povo. Não nega a Deus ou ao povo. E diz a Deus: “Este povo cometeu um grande pecado: fez para si mesmo um deus de ouro. Rogo-vos que lhe perdoeis este pecado! Caso contrário, apagai-me do livro que escrevestes!” (Êx 32, 31-32). Moisés não permuta o povo. Ele é a ponte, ele é o intercessor. Ambos, o povo e Deus, e ele está no meio. Ele não vende o seu povo para fazer carreira. Não é um carreirista, é um intercessor: pelo seu povo, pela sua carne, pela sua história, pela sua gente e por Deus que o chamou. É a ponte. Que bom exemplo para todos os pastores que devem ser “ponte”. É por isso que se chamam *pontifex*, pontes. Os pastores são pontes entre o povo a que pertencem e Deus, a quem pertencem por vocação. Assim é Moisés: “Perdoai, Senhor, o seu pecado, pois se não perdoares, apagai-me do livro que escrevestes. Não quero fazer carreira com o meu povo”.

E esta é a oração que os verdadeiros fiéis cultivam na sua vida espiritual. Embora experimentem as falhas das pessoas e a sua distância de Deus, estes orantes não as condenam, nem as rejeitam. A atitude de intercessão é própria dos Santos que, à imitação de Jesus, são “pontes” entre Deus e o seu povo. Neste sentido, Moisés foi o maior profeta de Jesus, nosso defensor e intercessor (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2577). E também hoje, Jesus é o *pontifex*, ele é a ponte entre nós e o Pai. E Jesus intercede por nós, mostra ao Pai as feridas que são o preço da nossa salvação e intercede. E Moisés é a figura de Jesus que reza por nós hoje, ele intercede por nós.

Moisés exorta-nos a rezar com o mesmo fervor de Jesus, a interceder pelo mundo, a recordar que ele, apesar de todas as suas fragilidades, pertence sempre a Deus. Todos pertencem a Deus. Os piores pecadores, as pessoas mais perversas, os líderes mais corruptos, são filhos de Deus e Jesus sente isso e intercede por todos. E o mundo vive e prospera graças à bênção dos justos, à oração de piedade, esta oração de piedade que o santo, o justo, o intercessor, o sacerdote, o Bispo, o Papa, o leigo, qualquer batizado, eleva incessantemente pelos homens, em todos os lugares e épocas da história. Pensemos em Moisés, o intercessor. E quando temos vontade de condenar alguém e nos irritamos interiormente - irritar-se faz bem, mas condenar não - intercedemos por ele: isto ajuda-nos muito.

8. A oração de David

Audiência geral - Quarta-feira, 24 de junho de 2020

No nosso itinerário de catequeses sobre a oração, hoje encontramos o rei David. Predileto de Deus desde menino, foi escolhido para uma missão única, que assumirá um papel central na história do povo de Deus e da nossa fé. Nos Evangelhos, Jesus é chamado várias vezes “filho de David”; com efeito, como ele, nasce em Belém. Da descendência de David, segundo as promessas, vem o Messias: um Rei totalmente segundo o coração de Deus, em perfeita obediência ao Pai, cuja ação cumpre fielmente o seu plano de salvação (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2579).

A vicissitude de David começa nas colinas ao redor de Belém, onde apascenta o rebanho do pai, Jessé. É ainda um rapaz, o último de muitos irmãos. A ponto que quando o profeta Samuel, por ordem de Deus, vai em busca do novo rei, até parece que o seu pai se tinha esquecido daquele filho mais novo (cf. *1 Sm* 16, 1-13). Trabalhava ao ar livre: pensamos nele como amigo do vento, dos sons da natureza, dos raios do sol. Só tem uma companhia para confortar a sua alma: a cítara; e nos longos dias de solidão gosta de tocar e cantar ao seu Deus. Também brincava com a funda.

Portanto, em primeiro lugar David é *um pastor*: um homem que cuida dos animais, que os defende quando surge o perigo, que lhes dá o sustento. Quando David, por vontade de Deus, tiver que se preocupar pelo povo, não realizará ações muito diferentes destas. É por isso que na Bíblia a imagem do pastor é muito recorrente. Também Jesus se define “o bom pastor”, o seu comportamento é diferente daquele do mercenário; oferece a sua vida pelas ovelhas, guia-as, sabe o nome de cada uma delas (cf. *Jo* 10, 11-18).

Da sua primeira profissão, David aprendeu muito. Assim, quando o profeta Natã o repreenderá pelo seu gravíssimo pecado (cf. *2 Sm* 12, 1-15), David compreenderá imediatamente que tinha sido um mau pastor, que roubara de outro homem a única ovelha que ele amava, que já não era um servo humilde, mas um homem doente de poder, um caçador furtivo que mata e saqueia.

Um segundo traço característico presente na vocação de David é o seu *espírito de poeta*. Desta pequena observação deduzimos que David não era um homem vulgar, como muitas vezes pode acontecer com indivíduos obrigados a viver prolongadamente isolados da sociedade. Ao contrário, é uma pessoa sensível, que gosta da música e do canto. A cítara acompanhá-lo-á sempre: para elevar um hino de alegria a Deus (cf. *2 Sm* 6, 16), para expressar um lamento, ou para confessar o próprio pecado (cf. *Sl* 51, 3).

O mundo que se apresenta aos seus olhos não é uma cena silenciosa: o seu olhar capta, por detrás do desenrolar dos acontecimentos, um mistério maior. A oração nasce precisamente dali: da convicção de que a vida não é algo que passa por nós, mas um mistério surpreendente, que em nós suscita a poesia, a música, a gratidão, o louvor, ou a lamentação e a súplica. Quando a uma pessoa falta essa dimensão poética, digamos, quando lhe falta a poesia, a sua alma coxeia. Portanto, segundo a tradição David é o grande artífice da composição dos salmos. No início fazem frequentemente referência explícita ao rei de Israel e a alguns dos acontecimentos mais ou menos nobres da sua vida.

Portanto, David tem um sonho: ser um bom pastor. Às vezes conseguirá estar à altura desta tarefa, outras vezes, não; mas o que importa, no contexto da história da salvação, é que ele representa a profecia de outro Rei, do qual é apenas anúncio e prefiguração.

Fitemos David, pensemos em David. Santo e pecador, perseguido e perseguidor, vítima e carníface, o que é uma contradição. David era tudo isto, ao mesmo tempo. E também nós, na nossa vida, temos traços frequentemente opostos; na trama da vida, todos os homens pecam muitas vezes de incoerência. Na vida de David existe apenas um fio condutor que confere unidade a tudo o que acontece: a sua oração. Esta é a voz que nunca se apaga. David santo reza; David pecador reza; David perseguido reza; David perseguidor reza; David vítima reza. Até David carníface reza. Este é o fio condutor da sua vida. Um homem de oração. Esta é a voz que nunca se apaga: quer assuma os tons do júbilo, quer os da lamentação, é sempre a mesma oração, só muda a melodia. Agindo assim, David ensina-nos a deixar que tudo faça parte do diálogo com Deus: tanto a alegria como a culpa, o amor como o sofrimento, a amizade como a doença. Tudo pode tornar-se palavra dirigida ao “Tu” que nos ouve sempre.

David, que conheceu a solidão, na verdade, nunca esteve sozinho! E no fundo este é o poder da oração, em todos aqueles que lhe dão espaço na própria vida. A oração dá-nos nobreza e David é nobre porque reza. Mas é um carníface que reza, que se arrepende, e readquire a nobreza graças à oração. A oração confere-nos nobreza: ela é capaz de assegurar a relação com Deus, que é o verdadeiro Companheiro de caminho do homem, no meio das numerosas provações da vida, boas ou más: mas sempre com a oração. Obrigado Senhor. Tenho medo Senhor. Ajudai-me Senhor. Perdoai-me Senhor. David tinha tanta confiança, que quando foi perseguido e teve que fugir não permitiu que o defendessem: “se o meu Deus me humilha deste modo, ele sabe”, porque a nobreza da oração nos deixa nas mãos de Deus. Aquelas mãos chagadas de amor: as únicas mãos seguras que nós temos.